**A VARIAÇÃO DE PLURAL NO SN COMO UM INDEXADOR DE IDENTIDADE**

Mírcia Hermenegildo SALOMÃO-CONCHALO[[1]](#footnote-1)

Roberto Gomes CAMACHO[[2]](#footnote-2)

**Resumo**: Eckert (2000) inaugurou uma nova tendência na Sociolinguística ao propor um novo conceito de regra variável, que passou a constituir espaço privilegiado da construção do significado social. No âmbito desse quadro teórico, o objetivo deste trabalho foi o de analisar as dinâmicas e as práticas sociais de dois grupos de estudantes, ideologicamente opostos, funkeiros e ecléticos, para examinar como o processo variável de concordância nominal pode consistir num campo de significados potenciais, ou seja, um campo indexical, para a construção de identidade Os resultados encontrados mostraram ainda que os padrões de variação não se desdobram simplesmente a partir da posição estrutural do falante em um sistema em que seu lugar social está pré-determinado, mas que o processo variável de concordância nominal nas comunidades de prática faz parte de uma produção estilística ativa de diferenciação social.

**Palavras-chave:** variação estilística; identidade; campo indexical.

**1. Introduzindo a pauta**

Um dos primeiros estudos quantitativos da variação, a pesquisa de Labov ([1972] 2008) na ilha Martha’s Vineyard, comprometeu-se com a associação de uma variante conservadora, atualizada com maior grau de frequência no uso, a centralização da vogal dos ditongos /ay/ e /aw/, com a resistência da comunidade de pescadores à progressiva incursão de veranistas do continente. Recrutar uma vogal como parte de uma luta ideológica local sugeria que a variação é um recurso para a construção de significado. No entanto, esse poder da variável acabou por se perder nos anos seguintes, quando o significado social passou a se confundir com correlações de caráter meramente demográfico em levantamentos sociolinguísticos de grande escala.

Para reduzir a variação estilística, um fenômeno unidimensional numa escala contínua de formalidade, a um tratamento estatístico, Labov ([1972] 2008) desenvolveu um critério metodológico baseado no grau de atenção prestado pelo falante a sua própria fala, cuja eficácia reside na identificação potencial dos fragmentos mais distintivos de registro casual em narrativas de experiência pessoal e dos pontos mais formais do *continuum* em resultados de aplicação de testes de leitura de textos, de listas de palavras e de pares mínimos.

Essa abordagem baseada nos critérios de atenção trouxe avanços científicos inegáveis à pesquisa sociolinguística, mas as contribuições positivas que promoveu não ficaram isentas de críticas. Wolfram (1969), por exemplo, questionou a confiabilidade das pistas paralinguísticas de indicação de fala casual ou informal, com base no argumento de que, dependendo do indivíduo, elas poderiam refletir apenas certo grau de ansiedade ou mesmo uma tentativa de demonstrar simpatia ou solidariedade para com o entrevistador.

Outro problema da abordagem laboviana de estilo, o vínculo direto entre formalidade e grau de atenção, foi denunciado por Eckert (2000) sob a alegação de que o falante pode divergir conscientemente de sua própria variedade, incluindo fragmentos altamente estilizados do registro informal em situações de registro cuidadoso, onde o que se espera, pelo critério estabelecido, são as formas de prestígio.

Para superar os problemas da análise da variação estilística, proposta por Labov ([1972] 2008), Bell (1984) sugeriu um novo enfoque apoiado nos conceitos de plano da audiência e de acomodação. Esse autor postulou uma teoria psicossocial segundo a qual o falante acomoda seu discurso ao do interlocutor com o fim de obter aprovação. O modelo proposto por Bell (1984) mudou substancialmente o conceito de estilo, ao transferir a ênfase do falante para o ouvinte e abrir caminho, nos últimos anos, para uma diversificação do conceito de estilo em direção das abordagens etnográficas e antropológicas de Coupland (2007) e Eckert (2008).

Coupland (2007) entende que, ao fazerem suas escolhas estilísticas, os falantes não apenas reagem às restrições do contexto, mas acabam também por conceber o próprio contexto, definindo as situações e as relações sociais. Por essas razões, Coupland (2007) justifica o lugar teórico do estilo no campo das ações sociais discursivas e nas práticas sociais em geral, o que tornaria inviável abordá-lo metodologicamente num modelo unidimensional, como o laboviano, baseado nos critérios de atenção e níveis de formalidade.

Mais recentemente, de conformidade com a posição de Coupland, Eckert (2008) estende o estudo do significado social da variação estilística para o enfoque linguístico-antropológico de indexicalidade postulado por Silverstein (2003). Eckert (2008) sustenta que o conteúdo das variáveis não é preciso ou fixo, mas constitui uma constelação de significados potenciais e ideologicamente relacionados, entendidos como um campo indexical, que podem ser ativados no uso. O campo indexical é fluido e cada nova ativação tem o potencial de alterá-lo.

Em sua discussão do valor indexical da variação, Silverstein (2003) toma, como ponto de partida, a categorização das variáveis em indicadores, marcadores e estereótipos, proposta por Labov ([1972]2008). Vale lembrar que o conceito de indicador de Labov ([1972] 2008) se aplica às variáveis que distinguem categorias sociais e geográficas, mas que não atraem suficiente atenção do falante para merecerem variações no *continuum* de formalidade. Já as variáveis rotuladas como marcadores e estereótipos atraem atenção suficiente para emergirem como pontos na escala contínua de variação estilística. A diferença entre marcadores e estereótipos se abriga no nível maior ou menor de consciência do falante para o significado social da variável, mas apenas os estereótipos se sujeitam à discussão metapragmática.

O indicador, rotulado como um indexador de primeira ordem, pressupõe simplesmente que o falante seja membro de uma categoria ou classe social, o que ocorre quando, por exemplo, se designam pessoas como falantes da variedade caipira ou paulistana, urbana ou rural etc. Mas a avaliação social de um grupo está sempre disponível para ser internalizada na própria variabilidade dialetal e indexar elementos específicos de caráter. É nesse ponto que a forma linguística se torna um marcador, um indexador de segunda ordem, figurando na prática estilística de acordo com a posição do falante em relação aos elementos de caráter selecionados para uso interno.

A diferença entre a noção de marcador no tratamento variacionista e a de indexador no tratamento de Silverstein (2003) está no encaixamento ideológico do processo pelo qual se faz e se refaz o elo entre forma e significado. Se um falante da variedade caipira conceber esse tipo de avaliação de segunda ordem em relação ao uso de r-retroflexo, que indexa o pertencimento a uma dada categoria social, está claro que uma personalidade não caipira pode emergir numa situação de confronto com outra variedade dialetal e essa emergência pode ser detectada na variação estilística.

Eckert (2008) entende que as variáveis têm campos indexicais em vez de significados fixos, porque os falantes as usam não simplesmente para refletir ou reafirmar seu lugar particular pré-ordenado no mapa social, mas para realizar movimentos ideológicos. O uso de uma variável não representa a invocação simples de valores indexicais pré-existentes, nem a reivindicação de um novo valor.

Na apropriação de variantes do dialeto caipira, como a pronúncia retroflexa do /r/, associada à ausência de concordância, propagada em frases feitas no adesivos de carros, como *nóis é chique no urtimo*, os falantes do dialeto caipira, especialmente “agroboys” montados em SUVs do ano, não estão simplesmente reivindicando a identidade caipira, mas uma nova construção de significado, um modo de reiterar lealdade às próprias origens sociais, que são, por sua vez, as origens do capital econômico e do patrimônio familiar. Uma variação de enunciados que dá especificidade ao objeto de lealdade, especialmente quando a forma preferida, a variante retroflexa, é, na visão dos falantes de outras variedades, um estereótipo meio pejorativo do falar interiorano, e, como tal, um indexador de terceira ordem.

A sociolinguística variacionista trata o estilo como diferentes formas, usadas no mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade, mas a visão de estilo de Eckert (2008) exclui essa separação tão nítida entre forma e conteúdo sob a condição de que o social é eminentemente uma construção erguida sobre os alicerces do conteúdo de vida das pessoas. Diferentes formas de dizer coisas ou significados potenciais para enunciar têm o objetivo de sinalizar diferentes modos de ser.

O estilo da *persona* (e são várias as máscaras sócias que se assumem) é o melhor nível para abordar o significado da variação, pois é nele que se conectam os estilos linguísticos com outros sistemas estilísticos, como vestimenta, adereços etc. e com os tipos de construções ideológicas que os falantes compartilham e interpretam e que, por isso mesmo, povoa o imaginário social. Em razão disso, por prática estilística, Eckert (2008) se refere tanto à interpretação quanto à produção dos estilos, pois ambos ocorrem constante e interativamente. A prática estilística é, assim, um processo de bricolagem (HEBDIGE, 1984 apud ECKERT, 2008), em que os recursos linguísticos em variação podem ser interpretados e combinados com outros mecanismos para construir uma entidade significativa mais complexa. Estilo e identidade são, sob esse prisma, conceitos fortemente associados: os falantes atribuem um novo significado social à variação, aproveitando-se da já existente no mercado linguístico, situação que implica certo grau de agentividade.

No caso específico deste trabalho, tomamos como hipótese que a variação de pluralidade no SN é uma variável da comunidade como um todo que pode ser “aproveitada”, digamos assim, como indexador da construção de identidade de diferentes comunidades de prática (doravante CPs). Este trabalho se insere, portanto, nos estudos de variação conhecidos como de “terceira onda” (ECKERT, 2012), com o objetivo específico de analisar as dinâmicas e as práticas sociais de dois grupos de estudantes opostos, de uma mesma escola pública da cidade de São José do Rio Preto (SALOMÃO-CONCHALO, 2015), definidos, por seus próprios membros, como funkeiros e ecléticos. Mais especificamente, examinar o modo como membros das duas CPs empregam variáveis estilísticas, assim concebidas, para construir, eles próprios, a significação social do grupo ao qual pertencem e determinar o modo como os processos variáveis de marcação de plural no SN são indexadores de construção da identidade.

**2. Afinando os instrumentos: métodos e técnicas de investigação**

Ao assentar suas bases em grandes comunidades estratificadas, o estudo da comunidade de fala, lócus metodológico da sociolinguística variacionista, prevê um tratamento estatístico mais propenso à homogeneidade que à heterogeneidade, como se os indivíduos de um agrupamento, digamos, os compreendidos numa faixa de 15 a 30 anos, mantivessem sempre o mesmo comportamento indiciado pela métrica da média percentual e dos pesos relativos, sem espaço para a individualidade. Nessa perspectiva, torna-se metodologicamente inviável promover uma análise dirigida especificamente à construção da identidade dos falantes, à movimentação desses indivíduos em diferentes CPs e à maneira como ocorrem essas dinâmicas sociais. Por essa razão, este trabalho se alinha definitivamente com o trabalho etnográfico, em que todo o esforço de pesquisa se volta para a variação no indivíduo, ou em microgrupos, as CPs, em que se fundam as redes de relações sociais dos indivíduos envolvidos.

Adotamos, portanto, dois tipos de procedimentos para o desenvolvimento deste trabalho. Em um primeiro momento, desenvolvemos uma análise qualitativa de base etnográfica para explorar as diferenças e as semelhanças entre os vários grupos de jovens existentes na comunidade escolar e ser capaz de discernir que jovens participam de que CPs; além disso, a etnografia é ferramenta auxiliar para aferir o grau de afiliação às CPs. Num segundo momento, aplicamos aos dados uma análise quantitativa baseada no processamento estatístico dos dados fornecido pelo Goldvarb X (TAGLIAMONTE *et al*. 2001).

Já a reflexão teórico-metodológica da variação estilística tem por base os trabalhos de Hora (2014), Görski e Valle (2014), Severo (2014), Tavares (2014) e Vieira (2014). Escasseiam, no entanto, os estudos voltados para a variação como prática social; nesse âmbito, destacam-se Freitag, Martins e Tavares (2012), Freitag (2014; 2015). Nesse tipo de trabalho, os falantes não são meros representantes de categorias sociais, mas elementos constitutivos delas; é por essa razão que, como legítimos construtores do significado social da variação, os falantes devem ser tratados como agentes potenciais e não meros elementos passivos.

Dentre os vários trabalhos que se debruçaram sobre marcação de pluralidade na variedade falada em São José do Rio Preto, destacam-se Rubio (2008), Salomão (2010), Fiamengui (2011), Camacho (2013), Camacho e Salomão (2015). Nenhum estudo, todavia, que explore essas variáveis morfossintáticas, está voltado para a variação de estilo como marcação de identidade, o que dá plena justificativa a este trabalho.

As CPs foram delimitadas e analisadas dentro de um contexto escolar, em uma instituição pública estadual situada na zona sul de São José do Rio Preto. Os alunos que a frequentam, de um modo geral, vivem no próprio bairro do colégio, nos bairros adjacentes ou em alguns bairros da zona norte. A Escola Estadual Professor Aureliano Mendonça, fonte desta investigação, fica no coração do bairro Higienópolis. O colégio oferece o 2º ciclo do Ensino Fundamental (6º ao 9º ano) e Ensino Médio. Trata-se de uma escola relativamente pequena com no máximo 16 salas de aula com capacidade de abrigar cerca de 1.000 alunos, distribuídos pelos períodos matutino e vespertino.

A análise aqui proposta se debruça sobre o comportamento de grupos de jovens que estão em pleno processo de desenvolvimento de suas identidades individuais e de grupo, e em um contexto, o escolar, que é, por definição, um ambiente propício à demonstração de rebeldia. A escola representa, em certas circunstâncias, um espaço de repressão de identidade, na medida em que o corpo institucional, constituído por professores, coordenadores e administradores, normalmente não reconhece a diversidade social e linguística do corpo discente nem mesmo no processo de ensino-aprendizagem.

Em um trabalho de variação como prática social, a identificação de parâmetros prontos, dados de antemão, implica uma contradição metodológica, haja vista que é a partir da pesquisa etnográfica que se constroem os parâmetros. Com base nesse postulado, as categorias analíticas foram estruturadas com base na observação participante durante a pesquisa de campo, ainda que, é claro, o contexto da pesquisa, o ambiente escolar, imponha por si mesmo algumas variáveis sociais, principalmente idade e escolaridade. A definição dos informantes de cada CP foi realizada com base nas observações, nos diários de campo e na disposição dos jovens em participar da pesquisa. O recorte realizado aqui reduziu os participantes a apenas quatro membros prototípicos de sua categoria dentro da CP, conforme descrição mais detalhada na seção seguinte.

**3. Identificando funkeiros e ecléticos: a pesquisa etnográfica**

A escolha de duas CPs entre outras existentes se assentou no fato de serem ideologicamente opostas no espaço social da escola. Embora a CP dos funkeiros seja constituída por 15 indivíduos, distribuídos pelos dois períodos escolares, os alunos do período matutino, mais maduros, já dispõem de uma concepção mais nítida de sua própria identidade social e, por conseguinte, de afiliação grupal. Para os efeitos deste trabalho, os funkeiros, tomados como CP, são constituídos por quatro indivíduos, três meninos e uma menina. Dois membros dessa CP, assim delimitada, desempenham forte papel de liderança, passível de se observar no grau considerável de influência que exercem sobre os outros membros. A menina selecionada lidera as demais, enquanto o jovem coordena as ações dos meninos. Essa jovem, no entanto, também se rende à influência das ações do líder do gênero oposto, como se pode verificar em algumas situações em que ela acompanha, sem questionamento, o comportamento do líder.

Esses dois membros centrais mantêm fortes ligações com outros da CP, mas uma relação tênue com integrantes de outros grupos. Dois outros jovens mostram vinculação à ideologia funkeira: um deles tem uma identidade bastante atrelada às características do grupo, e o outro circula mais entre as outras CPs e têm uma estreita relação com uma jovem eclética. Apesar de se considerar membro do grupo, esse jovem deve ser inserido na periferia dele em razão de manter contato extensivo com membros de outros grupos sociais.

De uma forma geral, o grupo dos funkeiros pode ser considerado uma rede social densa e múltipla (MILROY, 1980), pois todos os membros se conhecem bem e se conectam por mais de um tipo de relação (estudam juntos, são amigos e são ou já foram vizinhos). No entanto, uma verificação das relações intragrupais permite notar que o líder e a jovem que constituem membros centrais estão mais fechados em suas práticas sociais que os membros mais periféricos. Esse fechamento é indicação segura de vínculo mais denso, ficando aos membros periféricos mais abertos às influências de outros grupos. A Figura 1 faz uma representação da dinâmica dos estudantes funkeiros, principalmente dos membros mais à margem, em relação às demais CPs.

Inserir aqui a Figura 1

As setas com tracejados descontínuos representam um contato reduzido entre as CPs, elas podem ter um direcionamento único ou duplo. No primeiro caso, simboliza uma relação assimétrica de proximidade entre as comunidades, por ser praticada mais por um grupo do que pelo outro, o que revela apenas certo grau de tolerância entre as CPs. Já no segundo caso, a relação é simétrica, ou seja, membros das duas CPs trocam experiências e estabelecem uma relação de coleguismo e interesse, sem deixar de revelar o forte vínculo com ideologia do grupo do qual o indivíduo é membro. A seta com tracejado contínuo revela um relacionamento intenso entre as CPs, mas também pode mostrar que o interesse é unilateral e a relação acaba sendo assimétrica.

O grupo dos ecléticos, formado por cerca de dez jovens, é também representado, para os efeitos desta pesquisa, por três meninos e uma menina. Essa CP tem um funcionamento diferente da anterior, derivado, certamente, do modo como os membros da CP se subdividem, ou seja, não há membros exclusivamente líderes e centrais ou exclusivamente periféricos. Cada membro muda de posição na hierarquia, que, em consequência, é também mutável na dependência dos interesses e das práticas sociais em pauta. Desse modo, todos podem ser líderes, membros centrais ou indivíduos à margem da CP dependendo da natureza da atividade envolvida. A falta de um líder dentro do grupo acaba por propiciar um grau mais elevado de dialogismo entre os membros e participação coletiva nas decisões a tomar sobre as ações e práticas sociais futuras.

A dinâmica social dos ecléticos também é um pouco diferente da dinâmica dos funkeiros. De uma maneira geral, estabelecem um grau de camaradagem com membros de outros grupos e têm uma relação estável com as diferentes CPs. Além disso, mesmo que manifestem discordância, são mais tolerantes com o imaginário ideológico das outras CPs. Assim como os funkeiros, os ecléticos formam uma rede social densa, mas de baixa complexidade, pois apenas dois indivíduos apresentam outros tipos de conexão fora do ambiente escolar (são vizinhos e frequentam juntos cursos extracurriculares). A Figura 2 mostra as relações entre membros da CP ecléticos e membros de outras CPs no contexto escolar.

**Inserir aqui a figura 3**

Em relação aos manos e funkeiros, a CP dos ecléticos apresenta uma associação baseada em laços tênues; funkeiros e ecléticos procuram manter um relacionamento estável, ainda que manifestem preconceito mútuo. No entanto, a camaradagem é pontualmente voltada para os interesses dos grupos. Os ecléticos buscam certo grau de popularidade ao se associarem aos funkeiros e estes visam a angariar o respeito outorgado pelos professores e pelos ecléticos aos membros de outras CPs. Essa busca, muito mais atrelada ao respeito dos professores, significa que procuram apoio dos adultos para suas escolhas e práticas sociais, atitude que está longe de acontecer na realidade escolar.

Como já mencionado, o trabalho etnográfico, postulado pelos integrantes da "terceira onda" (ECKERT, 2005, 2012), é, em geral, qualitativo, mas não despreza o estudo quantitativo de base variacionista, uma vez que os dois procedimentos não são contraditórios, mas complementares. Nossa hipótese é a de que deve haver uma correlação entre centralidade e perifericidade grupal e expressão linguística de pluralidade no SN. Nesse caso, os membros centrais apresentariam menor frequência de marcas de pluralidade que os membros periféricos, justamente por terem esses jovens mais diálogo com os membros de outras CPs como a dos *ecléticos*, que são um pouco mais apegados às normas, inclusive as linguísticas, ditadas pelo contexto escolar.

4. A prática estilística como indexador da construção de identidade

A análise quantitativa dá suporte às descobertas e aos questionamentos apontados na análise qualitativa, mas de uma perspectiva inovadora, já que são as diferenças que sobressaem não necessariamente as similaridades.

Em linhas gerais, os resultados quantitativos para as CPs de ecléticos e funkeiros corroboram os apontamentos da pesquisa etnográfica, considerando que, em termos gerais, a aplicação da regra normativa de CN em 92% dos casos possíveis para os membros dos ecléticos e de 38%, para os membros dos funkeiros. Pode-se deduzir dessa diferença que o comportamento verbal representa uma das práticas sociais, como recurso estilístico de construção de identidade, separando jovens com a mesma idade e escolaridade entre os que aplicam ou não aplicam a regra padrão de concordância.

Confirma essa tendência uma comparação entre dados da comunidade de fala, com base na amostra Iboruna (GONÇALVES, 2008), e os dados as duas CPs, quantificados segundo os mesmos critérios (SALOMÃO-CONCHALO, 2015). Os resultados gerais mostram que os ecléticos apresentam uma frequência de aplicação (92,3%) maior que a do grupo controle (86,5%) e os funkeiros, uma frequência significativamente menor (62%).

Em outros termos: a constituição das CPs e o perfil social dos integrantes já indiciavam que os membros dos ecléticos apresentariam uma frequência comparativamente mais elevada de marcas de pluralidade do que a dos membros dos funkeiros, o que a análise quantitativa de fato corrobora; comparados com membros da comunidade da mesma faixa etária, os ecléticos os superam no apego à variedade de prestígio, mas os funkeiros se abrigam numa posição abaixo da média.

O perfil social dos ecléticos inclui preferência por marcar presença nas aulas independentemente dos problemas do quotidiano escolar e busca por formação profissional em cursos técnicos. São essas tendências detectadas na análise etnográfica que apontaram para a projeção de uma expectativa de alta taxa de marcação de pluralidade no SN. Entre os funkeiros, o reduzido grau de apego às regras normativas acaba se revelando como traço definidor, juntamente com outras características pessoais e práticas sociais. Esse baixo grau de apego à variedade de prestígio é um indício de não identificação com valores do contexto escolar.

Vejamos, agora, se esses índices gerais se mantêm no comportamento individual dos ecléticos, conforme mostra a Figura 3.

Inserir aqui a Figura 3

A incidência de marcação de pluralidade no SN é muito elevada, mais de 90% no desempenho verbal dos informantes W. e C., enquanto R. e L. estão em torno da marca dos 80%, mas é L. quem aplica menos frequentemente a regra de CN dentro do grupo, como mostra a Figura 4. Essa frequência mais baixa não chega a surpreender em vista da relação de L. com membros de outras CPs. Além de se relacionar com os outros grupos, mantém uma relação amistosa com M. As negociações que trava com esse funkeiro e com membros de outros grupos possivelmente tornam L. um membro menos prototípico. As renegociações de sua própria identidade com base nesse relacionamento poderiam ativar, posteriormente, uma estratégia de saída, no caso de não mais se acomodar plenamente com a afiliação à CP dos ecléticos e de passar a flertar com outra, especialmente em vista da identidade fluida e construída na prática social do dia a dia.

Vejamos, agora, na Figura 4 a análise individual do comportamento verbal dos funkeiros em relação ao fenômeno investigado.

Inserir aqui a Figura 4

Os índices de marcação de plural no SN dos afiliados à CP dos funkeiros apontam para o “aproveitamento” da regra variável de CN na construção de identidade, um recurso estilístico associado ao modo de se vestir, à música *funk* e à natureza do comportamento quotidiano. De um modo geral, o comportamento linguístico dos funkeiros é evidência de uma relação inversamente proporcional entre o envolvimento nas práticas sociais da CP e o apego às marcas de pluralidade.

Os resultados de R. e P., membros centrais dessa CP, mostram baixo grau de cumprimento da regra padrão de concordância. O funkeiro M. se encontra em uma zona mais neutra de preservação, com um índice positivo beirando o dobro de frequência da média dos membros centrais, embora ainda extremamente baixo se comparado ao da média dos ecléticos. Essa incidência mostra perfil de membro periférico, mas com forte identificação ideológica com o grupo. É o jovem A., no entanto, que mantém um índice significativo de marcas de pluralidade, o que indicia a emergência da individualidade.

Embora o percurso de acesso à CP possa contribuir para a formação da identidade, uma trajetória periférica nunca conduz o indivíduo à plena participação. Caso exemplar é o de M., jovem que mantém práticas sociais típicas de identificação de um funkeiro, como o comportamento jocoso na aula, o gosto por dança e música funk, participação ativa na divulgação de festas organizadas pelo grupo. Mesmo assim, sua afiliação tem raízes no protagonismo de R., com quem mantém relações ostensivas de amizade.

Esses resultados mostram que a construção de identidade não se encerra com a plena afiliação a uma dada comunidade, já que o desenvolvimento das práticas sociais significativas é um processo contínuo, presente em várias práticas sociais de que resulta a renegociação da própria identidade, cuja consequência mais imediata é a assunção de uma trajetória de saída: quanto maior a frequência de novas negociações e exigências, tanto maior a frequência de desenvolvimento de novas relações. Da necessidade de firmar posições distintas da comunidade resulta também a necessidade de ver o mundo com outro olhar.

Nas circunstâncias da pesquisa etnográfica, a identidade de funkeiros e de ecléticos está ativa e em plena negociação no mercado simbólico; entretanto, sua perenidade é improvável: mais alguns semestres ou anos, essas comunidades talvez nem mesmo venham mais a existir. Entende Bauman (2005) que as identidades "flutuam no ar" de tão fluidas, e o significado do repertório linguístico, que nunca é estático, tem um dinamismo próprio que conduz os membros do grupo a processos de ressignificações.

Pode-se afirmar, portanto, que um determinado modo de convivência, ou prática social, tem um apogeu, passando, posteriormente, por uma redução gradativa no contexto social, também, por seu lado, sempre em construção. Pode ocorrer que o passar do tempo ative outros valores na sintaxe de concordância, especialmente para os funkeiros no momento do ingresso no mercado de trabalho, processo que vai provocar a recriação da identidade.

Intrigam, no entanto, os índices de aplicação positiva de concordância no comportamento verbal do funkeiro A. Durante a entrevista gravada, a única que foi possível agendar, esse jovem manifestou um comportamento singular. Apesar de tentar chocar a documentadora com a narração de episódios de sua vida sexual, o que é esperado de um funkeiro, mostrou-se obsequioso no uso de formas de tratamento. Em conversas informais, A. referenciava a documentadora por primeiro nome e *você*, mas não na entrevista, como mostra o exemplo (1).

|  |  |
| --- | --- |
| ((1) | INF.: aí sim **a senhora** chegou no ponto ... pra mim ESCOLA ensino médio ... ensino fundamental não influencia nada na faculDADE que eu quero que eu quero exercê(r) ... (EI-Fk/ A./Mc/ L. 24-27) |

Fora das circunstancias de gravação, não demonstrava preocupação alguma com a aplicação da regra padrão de concordância. Uma análise de oitiva das diversas situações de interação permite inferir que A. manifesta uma frequência de ausência de plural similar à de R., um de seus amigos mais próximos, como mostra o exemplo (2), extraído de sua entrevista gravada.

|  |  |
| --- | --- |
| (2) | **nos primeros dias** ... viu que não tava paSSANdo nem um TERço do que tinha que subi(r) pra cheGA(r) onde **os traficante** tava ... o arsenal intero ... viu **as droga** que foram presa (EI-Fk/ A./Mc/ L. 445-453) |

Conhecer a história de vida de A e suas expectativas de continuidade no sistema escolar permite levantar algumas hipóteses explicativas sobre esse estilo cuidadoso. Esse jovem projeta um sentimento de mobilidade social ascendente, que possa vir a contornar os problemas de seu próprio contexto social. Almeja tornar-se desembargador, o que implica emblematicamente uma história de vida diferente da vivenciada pelo pai no tráfico e satisfaz, ao mesmo tempo, as expectativas projetadas por sua mãe de que possa vir a desvencilhar-se das amizades do pai, que ainda o cercam como um assédio constante de participação no tráfico. De um ponto de vista linguístico, seu comportamento manifesta a indexação simbólica de ter capacidade de usar as normas e de aplicá-las a uma situação formal de interação, quando assim o desejar, a despeito mesmo de não “levar a sério" o Ensino Médio.

Segundo Eckert (2008), atos de identidade não envolvem primariamente a questão de reivindicar pertencimento a este ou a aquele grupo ou categoria, em oposição a outro grupo ou categoria, mas são esses atos assim concebidos que envolvem justamente as percepções de indivíduos ou categorias, que acabam caindo no radar de levantamentos sociolinguísticos de grande escala. Esses atos não são independentes da ordem social mais abrangente; pelo contrário, eles são sistematicamente relacionados a categorias macrossociológicas e encaixados nas práticas que as produzem e as reproduzem.

São os elos entre o indivíduo, aqui no caso, o funkeiro A., e a categoria macrossociológica em que ele se enquadra (estar em tal faixa etária, em tal grau de escolaridade) que fornecem as pistas das práticas sociais em que ele atualiza seus modos de falar, movimentando seus estilos conforme movimenta suas máscaras sociais (personae) nas situações do quotidiano funkeiro e na situação de entrevista em que exibe habilidades verbais. Nesse processo, A. não usa simplesmente o significado social, mas o produz e o reproduz, e o conceito de ordem indexical, postulado por Silverstein (2003), fornece uma perspectiva crucial para dimensionar o caráter sempre momentâneo desse processo e para dar um ponto de apoio para o analista examinar a relação entre os fatos macrossociológicos e a prática linguística e ser capaz de fornecer uma explicação teórica para o papel da construção contextual no processo de mudança indexical.

**5. Considerações finais**

A generalização quantitativa do tipo que se faz em estudos baseados em levantamentos de grande escala tem grande relevância teórica, especialmente pela inegável contribuição que tem dado para o conhecimento da realidade sociolinguística do país. No entanto, explorar o significado da variação requer também examinar a natureza dos valores simbólicos que subjazem às generalizações possíveis. O próprio fato de as mesmas variáveis estratificarem-se regularmente com múltiplas categorias demográficas – gênero, escolaridade, classe socioeconômica – indica que os significados que veiculam não se relacionam diretamente a essas categorias, mas indiretamente, mediante a associação com qualidades e instâncias que entram na construção das categorias (SILVERSTEIN, 2003).

Esse tipo de generalização estatística nada diz sobre comportamentos e ideologias que subjazem a esses padrões, que tipos de significado as pessoas anexam à variante conservadora (presença de marcação) ou à inovadora (ausência de marcação), quem se ajusta e quem não se ajusta ao padrão e por quê. Nada diz sobre o uso da língua e sobre comunidades de prática na vida quotidiana e nada também sobre a razão pela qual se aplica a mesma generalização à estratificação de classe em que pessoas menos escolarizadas lideram a mudança morfossintática na modalidade falada e a preservam na escrita, em taxas relativamente mais baixas, neste caso, que as pessoas mais escolarizadas.

Nos dados aqui examinados, a variação de número, um indexador dos valores ideológicos e das práticas sociais que organizam a identidade, passa por um processo de ressignificação tanto para funkeiros quanto para ecléticos, constituindo, assim, o espaço privilegiado do processo de bricolagem (ECKERT, 2008; DAYRELL, 2005), em que a variação estilística se agrega a um repertório pré-existente de outras variáveis, reordenadas segundo os valores de cada grupo para comunicar novos significados.

Parece claro que, para os membros dos funkeiros, a variação de número não veicula necessariamente valores alternativos de estigma e prestígio; pelo contrário, há momentos de usar a forma de prestígio e momentos de usar a forma estigmatizada. A variação de pluralidade é apenas um recurso estilístico de construção de identidade, ao indexar distanciamento de outros grupos, e mesmo um perfil próprio, que se destaca dos demais membros do mesmo grupo.

Marcar ou não marcar pluralidade é uma questão que vai além do compartilhamento do valor social de prestígio atribuído por categorias sociais pré-determinadas, o que permite questionar a própria definição prototípica de prestígio e estigmatização. Quando uma variante, estigmatizada pela comunidade social como um todo, é adotada pelos membros de uma CP, desvanece-se o valor de estigma social, justamente por indexar uma marca de afiliação ao grupo, de pertencimento social, e, portanto, de representação simbólica de construção de identidade. Está claro, no entanto, que funkeiros (e também ecléticos) não estão dizendo ‘sou um funkeiro’ quando empregam uma variante compartilhada por funkeiros, nem estão dizendo “não sou um funkeiro” quando não a empregam. O funkeiro A. não é menos funkeiro por aplicar a regra normativa de concordância nominal com uma frequência mais elevada que seus pares na situação de entrevista.

Como esses significados são fluidos, nada a eles relacionado é suscetível de receber uma conclusão definitiva, taxativa, como o comprova a menor frequência de uso da variante estigmatizada na entrevista de A., que acaba por representar uma posição mais periférica desse jovem apenas nas práticas sociais de natureza linguística. O mesmo é verdadeiro, guardadas as devidas proporções, para o comportamento dos membros da CP ecléticos: aplicar positivamente a regra de CN significa emblematicamente aproximar-se do que é aceitável pela norma padrão, além de assegurar o distanciamento seguro dos funkeiros em relação às diferenças de posição ideológica. Esse aproveitamento estilístico, uma das práticas sociais que se organizam para a construção de identidade, acaba sendo um exemplo claro de agentividade, um valor que a análise etnográfica da variação reatualiza nos estudos sociolinguísticos.

Referências bibliográficas

BAUMAN, Z. *Identidade*. Rio de Janeiro: J. Zahar Editor, 2005.

BELL. A. *Language style as audience design*. In: \_\_. *Language in Society*. Cambrige: Cambridge University Press, 1984, p. 145-204.

CAMACHO, R. G. *Da linguística formal à linguística social*. São Paulo: Parábola, 2013.

CAMACHO, R. G.; SALOMÃO, M. H. Competing motivation and number variation. *Studies in Hispanic and Lusophone Linguistics*. v.8, n.2, 2015, p. 285-315.

COUPLAND, N. *Style: language variation and identity*. United Kingdom: Cambridge University Press, 2007.

DAYRELL, J. *A música entra em cena: o rap e o funk na socialização da juventude*. Belo Horizonte: UFMG, 2005.

ECKERT, P.. *Linguistic variation as social practice*. Oxford: Blackwell, 2000.

\_\_\_ *Variation, convention, and social meaning*. Paper presented at the Annual Meeting of the Linguistic Society of America. Oakland CA. Jan 7, 2005.

\_\_\_ Variation and the indexical field. *Journal of Sociolinguistics*, v.12, n. 4, p. 453–476, 2008.

\_\_\_. Three waves of variation study: the emergence of meaning in the study of sociolinguistic variation. *Annual Review of Anthropology*, n. 41, p. 87-100, 2012.

FIAMENGUI, A. H. R. *A marcação de pluralidade no SN na fala e na escrita de adolescentes da região de São José do Rio Preto*. 2011. 160f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto.

FREITAG, R. M. K. Dissecando a entrevista sociolinguística: estilo, sequência discursiva e tópico. In: GÖRSKI, E. M et al. (orgs). *Variação Estilística: reflexões teórico-metodológicas e propostas de análise*. Florianópolis: Editora Insular, 2014.

\_\_\_. De comunidades de fala a comunidades de prática: investigando a dimensão estilística da variação. In: HORA, D. et al. (orgs.). *Identidade social e contato linguístico no português brasileiro*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2015, p.101-121.

\_\_\_; MARTINS, M. A.; TAVARES, M. A. Banco de dados sociolinguísticos do Português Brasileiro e os estudos de terceira onda: potencialidades e limitações. *Alfa*. São Paulo, v. 56, n.3, p. 917-944, 2012.

GONÇALVES, S. C. L. Projeto ALIP (Amostra Linguística do Interior Paulista): questões teóricas e metodológicas sobre a constituição de um banco de dados de língua falada. In: TAGNIN, E. O.;VALE, O. A. *Avanços da linguística de corpus no Brasil*. São Paulo: Humanitas, 2008, p.217-245.

GÖRKI, E. M.; VALLE. A variação estilística em entrevistas sociolinguísticas: uma (re)leitura do modelo laboviano. In: GÖRSKI, E. M et al. (orgs). *Variação Estilística: reflexões teórico-metodológicas e propostas de análise*. Florianópolis: Editora Insular, 2014, p. 67-92

HORA. D. da. Estilo: uma perspectiva variacionista. In: GÖRKI, E. et al. (orgs). *Variação Estilística: reflexões teórico-metodológicas e propostas de análise*. Florianópolis: Editora Insular, 2014, p. 19-30.

LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola Editorial, [1972] 2008.

MILROY, L. *Language and social networks*. Oxford: Blackwell, [1980]1987.

RICKFORD, J. R.; ECKERT, P. Introduction. In: \_\_. (eds.) *Style and sociolinguistic variation*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001, p. 1-18.

RUBIO, C. F. *A concordância verbal na língua falada na região noroeste do Estado de São Paulo*. 2008. 140f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto.

SALOMÃO, M. H. *A variação de pluralidade nas estruturas predicativas da variedade falada na região de São José do Rio Preto*. 2010. 162f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2010.

*\_\_\_ A variação estilística na concordância nominal e verbal como construção de identidade social.* 2015. 314f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2015.

SEVERO, C. G. Estilo, variação linguística e discurso. In: GÖRKI, E. M. et al. (orgs). *Variação Estilística: reflexões teórico-metodológicas e propostas de análise*. Florianópolis: Editora Insular, 2014, p.31-50.

SILVERSTEIN, M. 2003. Indexical order and the dialectics of sociolinguistic life. *Language and Communication*, v.23, p. 193–229, 2003.

TAGLIAMONTE, S. A.; ROBINSON, J. S.; LAWRENCE, H. R. *GOLDVARB 2001: a multivariate analysis application for Windows*. 2001

TAVARES, M. A. Variação estilística e gênero textual: o caso dos gêneros textuais produzidos no macrogênero entrevista sociolinguística. In: GÖRSKI, E. et al. (orgs). *Variação Estilística: reflexões teórico-metodológicas e propostas de análise*. Florianópolis: Editora Insular, 2014, p.203-224.

VIEIRA, S. R. Variação estilística e ordem dos clíticos pronominais: a influência dos gêneros textuais e dos veículos jornalísticos. In: GÖRSKI, E. M. et al. (orgs). *Variação Estilística: reflexões teórico-metodológicas e propostas de análise*. Florianópolis: Editora Insular, 2014, p.281-302.

WOLFRAM, W. *A sociolinguistic description of Detroit negro speech*. Washington, DC: Center for applied Linguistics, 1969.

**PLURAL VARIATION IN NP AS AN INDEX OF IDENTITY**

**Abstract**: Eckert (2000) brought in a new trend in sociolinguistics when she proposed a new concept of variable rule, which now constitutes a privileged space of the construction of social meaning. Within this theoretical framework, the purpose of this paper was to analyze the dynamics and social practices of two groups of students, ideologically opposed, funkers and eclectics, to examine how variable processes of nominal agreement can consist of a field of potential meanings, or else, an indexical field, for identity construction. The results showed that the variation patterns are not simply unfolded from the speaker's structural position in a system in which her/his social place is predetermined. In fact, the variable process of nominal agreement in communities of practice is part of an active stylistic production of social differentiation.

**Keywords:** stylistic variation; identity; indexical field.

1. Doutora em Estudos Linguísticos e professora colaboradora da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR), Paranaguá, Paraná, Brasil. E-mail: mirciah@yahoo.com.br . [↑](#footnote-ref-1)
2. Professor Adjunto da Universidade Estadual Paulista- Câmpus de São José do Rio Preto, São Paulo, Brasil. E-mail: [camacho@sjrp.unesp.br](mailto:camacho@sjrp.unesp.br) – Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq – processo 303176/2015-6. [↑](#footnote-ref-2)